

Interseção feminismos e mídias sociais enquanto estratégia propulsora de mobilização política: uma revisão sistemática

Interseção feminismos e mídias sociais enquanto estratégia propulsora de mobilização política: uma revisão sistemática

Gomes Fontenele, Mayara¹

Meneses da Silva, Tatiane²

de Assis Freire, Sandra Elisa³

Negreiros, Fauston⁴

Sales Macedo, João Paulo⁵

Resumo

Objetiva realizar uma revisão sistemática da produção científica que trata da atuação dos movimentos feministas nas mídias sociais, compreendendo como os estudos realizados têm percebido o uso desses meios por parte dos coletivos e grupos organizados feministas, enquanto recurso de mobilização política e proposição de pautas reivindicatórias. A pesquisa foi realizada nas bases de dados SciELO, CAPES, SCOPUS e Web of Science. Após estabelecido os critérios de inclusão e exclusão, ao final foram selecionados 25 estudos, que depois de categorizados e analisados foram organizados em suas linhas argumentativas e problematizadoras acerca do tema em questão a partir dos seguintes eixos analíticos: a) Relação entre os feminismos e as mídias sociais; b) Mídias sociais enquanto ferramenta de luta contra violências; e c) Mídias sociais, feminismos e cultura. Os resultados expostos indicam que as mídias sociais são uma importante estratégia de mobilização política, mas desde que considere desafios como a ampliação do acesso à *internet* para esses coletivos feministas. Além disso, é importante a contínua articulação com diferentes contextos e a atuação na construção de alianças possíveis entre os diversos movimentos, tendo em vista que a luta feminista é ampla e para todos(as)(des).

Palavras-chave: Feminismos, Mídias Sociais, Ciberativismo, Ativismo Digital.

Intersection of feminisms and social media as a driving strategy for political mobilization: a systematic review

Abstract

It aims to carry out a systematic review of the scientific production that deals with the performance of feminist movements in social media, understanding how the studies carried out have perceived the use of these media by collectives and organized feminist groups as a resource for political mobilization and proposition of claim agendas. The research was carried out in the SciELO, CAPES, SCOPUS and Web of Science databases. After establishing the inclusion and exclusion criteria, at the end 25 studies were selected, which after categorized and analyzed were organized in their argumentative and problematizing lines about the theme in question from the following analytical axes: a) Relationship between feminisms and social media; b) Social media as a tool to fight against violence; and c) Social media, feminisms and culture. The exposed results indicate that social media is an important strategy for political mobilization, but as long as it considers challenges such as the expansion of internet access for these feminist collectives. Furthermore, it is important the continuous articulation with different contexts and the performance in the construction of possible alliances between the various movements, having in mind that the feminist struggle is broad and for all.

Keywords: Feminisms, Social Media, Cyberactivism, Digital Activism.

¹ Universidade Federal do Piauí. E-mail: may.fontenele@gmail.com

² Universidade Federal do Piauí. E-mail: tatianemeneses95@gmail.com

³ Universidade Federal do Piauí. E-mail: sandrafreire@ufpi.edu.br

⁴ Universidade Federal do Piauí. E-mail: faustonnegreiros@ufpi.edu.br

⁵ Universidade Federal do Piauí. E-mail: jampamacedo@gmail.com

Interseção feminismos e mídias sociais enquanto estratégia propulsora de mobilização política: uma revisão sistemática

Introdução

O presente artigo visa discutir, a partir da produção científica que trata sobre a atuação dos movimentos feministas nas mídias sociais, como os coletivos e grupos organizados feministas fazem uso desses meios enquanto recurso de mobilização política e de visibilização e proposição de pautas reivindicatórias e bandeiras de luta. É reconhecido pela literatura nacional e internacional, bem como pelos próprios movimentos sociais, o quanto que as redes sociais têm sido palco de atuação política e formativa. Esse ambiente é tido como “um espaço de autonomia do qual os movimentos emergiram sob diferentes formas e com resultados diversificados, a depender de seu contexto social” (Castells, 2017, p. 66).

No caso do movimento feminista, considerando a diversidade das pautas e organização de coletivos de diferentes frentes, utilizaremos o termo feminismo no plural como forma de reafirmar a heterogeneidade, as alianças e as problematizações e tensões internas do movimento, muito salutar, para ampliar a defesa das lutas feministas em todo o mundo e suas especificidades (Reverter-Bañón, 2013). Utilizá-lo no singular é alimentar seu esvaziamento, pois assim o movimento fica restrito as pautas colocadas em destaque pelo feminismo branco e burguês, sob a perspectiva da igualdade de gênero e melhor recolocação no mercado de trabalho e igualdade salarial, invisibilizando demais pautas, que incluem a exploração, a dominação e a violência que recaem sob mulheres não brancas e racializadas, em particular mulheres negras e indígenas, de diferentes classes sociais, geracionalidade, origem geográfica e de identidade de gênero (Chanter, 2011; hooks¹, 2019a, 2019b).

A concepção de feminismo que orienta, portanto, esta discussão, é a de hooks (2019a), que entende os movimentos feministas como constituídos por uma multiplicidade de sujeitos e coletivos políticos, atravessados por diferentes marcadores sociais, que empreendem lutas gerais e específicas contra os sistemas de opressão que se interligam a partir do sexismo, do patriarcado, do racismo, do próprio capitalismo e seus colonialismos. A partir desse debate ressaltamos a importância das experiências institucionais e cotidianas sobre a condição da mulher negra e de

outros grupos de mulheres em meio aos sistemas de opressão que se engendram mutuamente e tem como base a interseção entre classe, gênero, raça e sexualidade na produção de dominação e exploração, que recaem, historicamente, de forma mais violenta sob os corpos e vidas das mulheres racializadas, pobres, lésbicas, não cisgênero (Chanter, 2011; hooks 2019a, 2019b; Lorde, 2019). Tal entendimento, ainda minoritário entre os feminismos, tece uma fundamentada crítica ao próprio movimento feminista europeu e estadunidense em seu silenciamento histórico, desde o movimento abolicionista, em solo estadunidense, e anticolonialista em solo europeu ou advindo das lutas anticoloniais nas Américas, África e Ásia, como também com as lutas das mulheres diante das dominações (neo)coloniais na contemporaneidade (Davis, 2016; hooks 2019a, 2019b; Collins, 2019).

É importante situar que tais lutas feministas, a partir de importantes movimentos e coletivos cada vez mais plurais e interseccionais, têm se expandido ao longo das décadas e ganhado novos espaços de atuação, organização e alianças entre coletivos de diferentes países e continentes, por meio do chamado ciberativismo, ativismo online ou digital, dentre outras terminologias, pois ocorrem mediadas por plataformas digitais e mídias e redes sociais (Castells, 2017). Alvarez (2014) aponta que, desde os anos 1990, a *internet* ocupa um lugar de importância para os feminismos de todo o mundo, em particular o latino-americano, e que hoje há um destaque ainda maior tanto acerca da pulverização das pautas feministas quanto na articulação com diversos outros movimentos. Martínez (2019), nesse sentido, ressalta que a participação mais recorrente dos movimentos feministas nas mídias sociais ocorre de vertente liberal, marxista, interseccional, queer e radical. Não é propósito nosso discutir cada uma dessas vertentes e participações, o que pode ser recuperada pela autora citada, mas tão somente apontar que tais formas de engajamento e ativismo é caracterizado como sendo difuso, descentralizado, independente, espontâneo, e muitas vezes temporário, pois não pretende fundar movimentos organizados permanentes na forma de partidos e organizações políticas. Porém, há registros de ocorrerem de

Interseção feminismos e mídias sociais enquanto estratégia propulsora de mobilização política: uma revisão sistemática

forma organizada para fazer frente e resistência a políticos, governos, campanhas publicitárias, movimentos reacionários, sexistas, racistas e fascistas (Dieminger & Oliveira, 2015; Di Felice, 2020).

Castells (2017) menciona que, por meio da internet, esses grupos podem exercer o que ele chama de comunicação autônoma, que é uma das características dos movimentos sociais contemporâneos, tendo em vista que foi preciso encontrar outras formas de propor manifestações e comunicação que não fossem tuteladas pelo Estado e reféns da grande mídia. A internet, portanto, passou a ser um importante espaço de mobilização e ação política, a exemplo de movimentos contra as estruturas de poder e dominação, como: a Primavera Árabe, na Tunísia (2011), o Occupy Wall Street, nos Estados Unidos (2011), o movimento 15M, na Espanha (2011), o 15 de setembro, em Portugal (2012), o YoSoy132 no México (2012) e as Jornadas de Junho (2013), no Brasil, sendo que alguns deles tiveram importantes participações de coletivos feministas (Mousinho, 2017; Toret, 2013).

Quanto aos movimentos feministas, estes estiveram na vanguarda desse tipo de mobilização, inclusive de forma intercontinental, por meio das mídias sociais, como a Marcha das Vadias (SlutWalk), no Canadá, em 2011. Tinha como proposta a luta contra o sexismo, as desigualdades de gênero e as violências sofridas pelas mulheres. A experiência rapidamente ganhou força no mundo e, particularmente no Brasil e países da América Latina, proporcionando intercâmbio de ideias, irmandade, pautas e estratégias de luta feminista (Vincente, 2016). Essa expressão da ação dos movimentos feministas em mídias sociais também pode ser acompanhada por meio de *hashtags* como as #MeuPrimeiroAssédio, #MeuAmigoSecreto e #AgoraÉQueSãoElas, que movimentaram variadas narrativas, construindo uma grande rede de pessoas discutindo temáticas como machismo, abuso sexual e misoginia. No Brasil destaca-se o #Elenão em protesto contra a candidatura de Jair Bolsonaro.

Mas foi o ano de 2015 que ficou conhecido como marcador da chamada Primavera Feminista brasileira, pois movimentos provocados pelas redes sociais avançaram as ruas, principalmente contra decisões do Congresso Nacional frente ao quadro social e político brasileiro e as constantes situações

de assédio, com intensas participações e articulação de coletivos e movimentos feministas por meio da internet e das mídias sociais (Dutra, 2018). Outro marco é o ano de 2017, com a organização da Greve Internacional de Mulheres, que abarcou 53 países, com variado repertório de ações articuladas com a *hashtag* #EuParo, amplamente difundida no *Twitter* (Mousinho, 2017).

Nesse sentido, as mídias sociais podem ser configuradas como ferramenta de denúncia, bem como rede de apoio, discussão, articulação e organização política, além de ampliar o acesso e o alcance do debate feminista à população, tendo o *Twitter* como uma das plataformas mais utilizadas, mas também o *Facebook*, o *Instagram*, o *YouTube*, além de blogs, perfis em diferentes redes sociais, petições, dentre outras (Mousinho, 2017). Mesmo que nem todas as pessoas tenham acesso a esses meios, devido à desigualdade de acesso à internet em muitas localidades do globo, ainda assim, as redes sociais ampliaram o campo de possibilidades de comunicação, que não se restringiam mais apenas ao campo regional, e sim global (Ferreira, 2015).

Em resumo, Lemos (2009) situa que os feminismos passam a contar com esse campo de conectividade permanente enquanto possibilidade de ruptura às ordens hegemônicas, no intuito de construção de novos pensamentos e práticas sejam eles no campo político, estético ou econômico, utilizando o espaço da internet para: a) disseminar informações; b) fazer reivindicações; c) organizar protestos online ou off-line; d) buscar apoio e aproximar os grupos feministas, além de articular com outros coletivos e movimentos sociais; e) e criar espaços de discussão para possíveis deliberações ou análise de conjuntura.

Em vista disto e entendendo que a literatura internacional já reúne uma importante e diversificada produção científica sobre a temática feminismos e mídias sociais, perguntamos: o que o conjunto de estudos científicos que tratam sobre tal tema aponta sobre como os movimentos feministas têm feito uso de tais mídias enquanto mecanismo de mobilização política? Assim, propomos traçar um panorama de tais estudos, não apenas para acompanhar o que tem sido abordado acerca dos movimentos feministas nas mídias sociais, mas o que tem sido visibilizado em termos de pautas e

Interseção feminismos e mídias sociais enquanto estratégia propulsora de mobilização política: uma revisão sistemática

bandeiras de luta a partir de plataformas digitais, na perspectiva de pensarmos acerca dos desafios concernentes a atuação política dos feminismos na cena política contemporânea.

Método

Trata-se de uma revisão sistemática da produção de conhecimento sobre o tema feminismos e mídias sociais, inspirado a partir dos princípios formulados do método PRISMA (*Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses*) (Moher et al., 2015). Compreendendo o quanto a qualidade dos estudos elencados em trabalhos de revisão de literatura (sistemática ou integrativa) podem variar, a justificativa do presente estudo em seguir as recomendações do PRISMA é sob a perspectiva de explicitar procedimentos e tornar o estudo replicável para outros(as) pesquisadores(as). Assim, partimos dos seguintes procedimentos: 1) identificação da temática com sua pergunta de partida; 2) busca nas bases e seleção dos arquivos em consonância com os critérios pré-definidos pelos juízes; 3) avaliação dos artigos com descrição e análise crítica; 4) resumir e categorizar os estudos com base nas linhas de discussão traçadas; 5) interpretação dos resultados; e 6) síntese dos principais resultados.

Com base na pergunta de partida que norteou o presente estudo foi realizada busca por artigos científicos publicados em periódicos indexados em quatro bases de dados: Scientific Electronic Library Online (SciELO), Portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), SCOPUS (Elsevier) e Web of Science - Coleção Principal (Clarivate Analytics). Os descritores que orientaram essa busca foram definidos a partir de três combinações relacionadas com a expressão booleana “and”: Ativismo Online (*Online Activism*) and Feminismo (*Feminism*) and Gênero (*Gender*); Ativismo Digital (*Digital Activism*) and Feminismo (*Feminism*) and Gênero (*Gender*); e Ciberativismo (*Cyberactivism*) and Feminismo (*Feminism*) and Gênero (*Gender*). A pesquisa foi realizada por meio do acesso a página eletrônica das bases de dados de agosto a outubro de 2019. É válido ressaltar que todas as buscas foram realizadas por duas juízas de forma simultânea.

Para a seleção foram indicados os seguintes critérios de inclusão/exclusão: a) artigos publicados nos últimos cinco anos; b) disponibilizados nos idiomas português, espanhol ou inglês; c) com acesso livre; d) que apresentassem discussão referente ao uso das mídias sociais como ferramenta de mobilização e ação política para o movimento feminista; e) que os periódicos apresentassem fator de qualidade na WebQualis, nos estratos A1 a B2, nas áreas de conhecimento do Colégio de Humanidades da CAPES (Comunicação e Informação, Direito, Sociologia, Antropologia, Psicologia), ou com fator de impacto acima de 3,0. Visto que o PRISMA não é uma ferramenta de avaliação de qualidade do material a ser analisado, mas que recomenda que se recorra a uma, adotamos o critério Qualis CAPES ou fator de impacto para os periódicos que não contam com indicadores do sistema de avaliação de periódicos no Brasil, tendo em vista que não era deste estudo avaliar a qualidade dos artigos analisados, considerando que já foram avaliados amplamente pelos pares na sua publicação.

Nessa etapa foi considerada a busca pelos descritores mencionados no título, resumo ou assunto para a inclusão dos artigos na etapa posterior de análise. Foram excluídos os artigos que não contemplavam a temática e que estavam duplicados. Cabe mencionar que no caso de artigos indisponíveis em formato completo foi realizada uma busca no *Google* e *Google* acadêmico antes de serem excluídos. Após isso, os estudos selecionados foram lidos na íntegra e organizados em uma planilha no programa *Excel*, abrangendo norteadores tais como: ano de publicação, revista e área de conhecimento, país de realização do estudo, autores, objetivos e principais resultados. A análise foi dividida em um primeiro momento de caracterização dos estudos e, posteriormente, discussão dos resultados. Esse processo também foi realizado por duas juízas independentes, em caso de divergência em relação à comparação dos resultados, o consenso foi priorizado.

Resultados

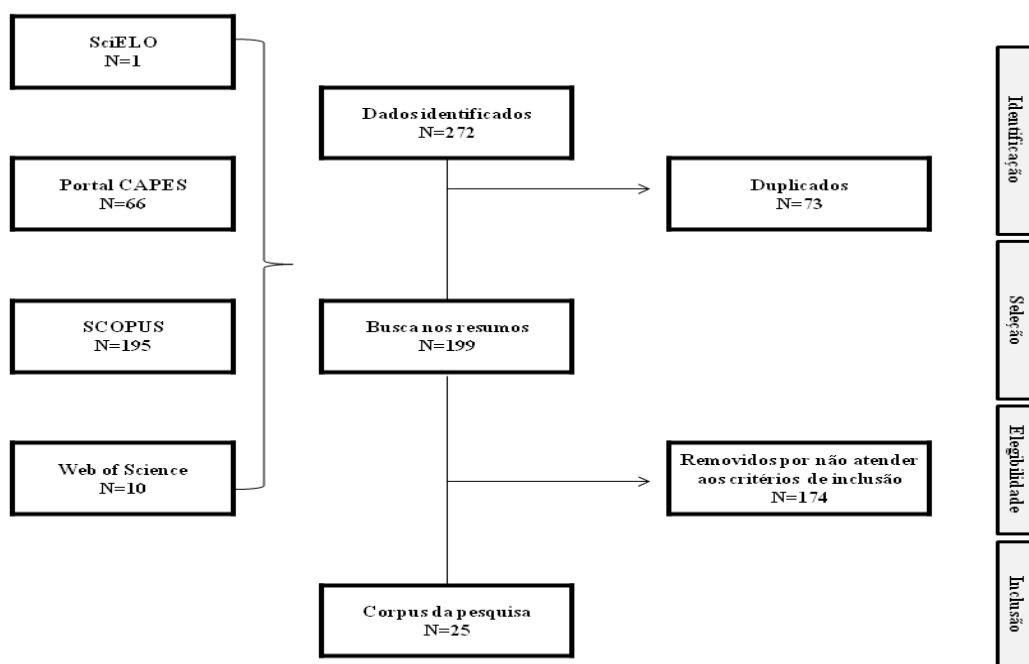
Caracterização dos estudos

Em um panorama geral, nas bases de dados foram identificados 272 artigos com base nos descritores utilizados. Destes, 73 foram excluídos

Interseção feminismos e mídias sociais enquanto estratégia propulsora de mobilização política: uma revisão sistemática

por estarem duplicados e 174 removidos por não atenderem os critérios de inclusão. Como resultado constituiu o *corpus* final do estudo uma amostra de 25 estudos selecionados, conforme ilustrado na Figura 1.

Figura 1. Fluxograma da seleção dos estudos nas bases de dados.



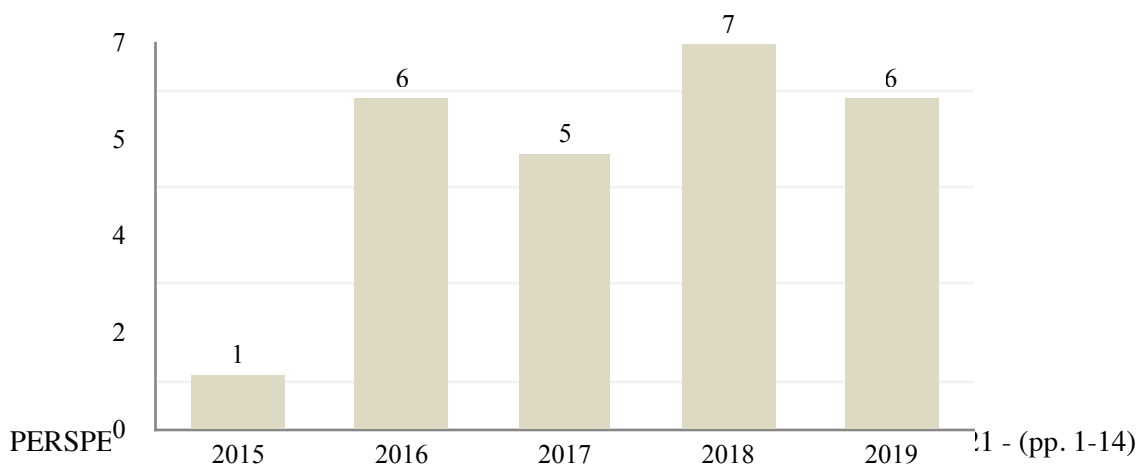
Fluxograma da seleção dos estudos nas bases de dados.

Fonte: elaboração própria.

Considerando o recorte temporal iniciado em 2014, tendo em vista a busca de estudos mais recentes a partir dos últimos 5 (cinco) anos para elucidar quais campos de discussão estão em debate atualmente acerca do tema, identificou-se, conforme gráfico a seguir, o registro de uma

publicação em periódicos científicos em 2015, seguido de uma crescente de publicações no ano seguinte (n=6), com uma queda em 2017 (n=5), e um novo aumento do número de publicações a partir de 2018 (n=7).

Figura 2. Publicações em periódicos sobre os ativismos feministas nas mídias sociais.



Interseção feminismos e mídias sociais enquanto estratégia propulsora de mobilização política: uma revisão sistemática

Fonte: elaboração própria.

Na Tabela 1 remetemos às informações de cada título com base no(a)s autor(a)(es) e ano, o nome da revista, o país e os objetivos de cada estudo. Indicamos a prevalência de estudos realizados em países da Europa e, posteriormente, da América Latina. Quanto às revistas, as grandes áreas de concentração em que os artigos foram públicos estão relacionadas às Ciências Sociais, Humanas e Saúde Coletiva (n=15), Comunicação e Mídias Sociais (n=10), com indicadores de qualidade (Qualis CAPES) variando entre A1

(n=5), A2 (n=8), B1 (n=3) e B2 (n=7), e fato de impacto maior 3.098 e 4.972.

As temáticas pesquisadas pelos(as) autores(as) desses estudos variaram por especificidades, como o feminismo negro, a cultura muçulmana, dentre outras interseções dos feminismos, sendo que as discussões versaram sobre mídias sociais, em diferentes ordens, seja com relação às representações de determinados públicos nestas mídias ou como esses grupos utilizam essa ferramenta como forma de atuação política.

Tabela 1. Caracterização dos estudos.

Bloco 1. A relação entre os feminismos e as mídias sociais			
Autor e Ano	Revista	País	Objetivos
Jouët (2018)	Journal of Research in Gender Studies (Qualis CAPES - B2)	França	Questiona os fatores sociais e políticos subjacentes que explicam o renascimento do feminismo e analisa como as feministas usam a mídia digital para promover sua causa.
Sánchez-Duarte e Fernández-Romero (2017)	El profesional de la información (Qualis CAPES – A1)	Espanha	Busca entender se as práticas ativistas feministas online na Espanha podem ser entendidas como uma forma de subativismo: um tipo de ação coletiva baseada na experiência subjetiva das militantes e nas raízes dessas práticas em suas rotinas diárias e vidas.
Valcarcel, Fernández e Castro-Martinez (2019)	Comunicación y Sociedad (Qualis CAPES - A2)	Espanha	Analisa as práticas de ciberativismo do “As Jornalistas Pararam” (LPP) como uma ação de apoio à greve feminista de 8 de março de 2018.
Rogan e Budgeon (2018)	Social Science Journal (Qualis CAPES - A2)	Reino Unido	Avalia a importância do slogan feminista "o pessoal é político" localizando-o em dois períodos históricos amplamente definidos. Assim, situam criticamente os espaços digitais como lugares onde as mulheres jovens exploram suas experiências pessoais.
Silva (2016)	Revista Estudos Feministas (Qualis CAPES – A1)	Egito, Rússia e Ucrânia	Observa a utilização da imagem do corpo feminino como uma estratégia recorrente em ações ativistas em diferentes partes do mundo.
Valente e Neris (2019)	Revista Internacional de Direitos Humanos (Qualis CAPES – A1)	Brasil	Realiza uma análise dos compartilhamentos no Facebook durante o dia Internacional da Mulher de 2018, no Brasil, analisando os discursos e contradiscursos.

Interseção feminismos e mídias sociais enquanto estratégia propulsora de mobilização política: uma revisão sistemática

Ribeiro e Silva (2016)	Chasqui. Revista Latinoamericana de Comunicación (Qualis CAPES - A2)	Brasil	Analisa as características de divulgação da “5ª Marcha das Vadias de São Paulo”, mediante um evento criado pelo coletivo no Facebook.
Coelho (2016)	Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais (Qualis CAPES - B2)	Brasil	Propõe-se a um resgate da história de luta do movimento feminista e sua articulação com ativismo online e discussões movidas por likes e hashtags.
Matos (2017)	International Sociology (Qualis CAPES – A1)	Brasil	Fornecer um resumo crítico das perspectivas teóricas feministas sobre o potencial das comunicações online para o avanço dos direitos das mulheres, além de fornecer um breve estudo de caso do feminismo brasileiro contemporâneo e da mobilização em torno dos direitos das mulheres.
Bloco 2. Mídias sociais enquanto ferramenta de luta contra violências			
Shaw (2016)	Social Media + Society (Qualis CAPES - B2)	Estados Unidos	Examina a página do Instagram Bye Felipe, uma campanha feminista em que as pessoas enviam capturas de tela de exemplos de assédio e direitos sexuais de homens em sites de namoro online como OKCupid e aplicativos como Tinder.
Mendes, Keller e Ringrose (2019)	New Media & Society (FI – 4.972)	Canadá	Argumentamos que plataformas de mídia social como Tumblr e Twitter facilitaram o surgimento de "narrativas digitalizadas" de violência sexual.
Jane (2017)	Social Media + Society (Qualis CAPES – B2)	Austrália	Examina o digilantismo (prática de internautas que se utilizam dos recursos da internet e outras tecnologias digitais para combater alguma prática criminosa ou socialmente recriminada) feminista em resposta à “vergonha da puta” de uma mulher australiana no Facebook.
Piñero-Otero e Martínez-Rolán (2016)	Cuadernos.info (Qualis CAPES – B1)	Equador	Analisa o uso de memes pelo ciberativismo feminista. Como em muitas manifestações online, essa mobilização foi baseada em um evento específico: o desaparecimento e o assassinato de duas jovens argentinas no Equador.
Sádaba e Barranquero (2019)	Athenea Digital (Qualis CAPES – B1)	Espanha	Investiga a atividade cotidiana das comunidades ciberfeministas na Espanha, com base no estudo das mídias sociais como espaços para moldar a identidade e repertórios de ação política.
Aripova e Johnson (2018)	The Journal of Social Policy Studies (Qualis CAPES – B1)	Rússia e Ucrânia	Examina o flashmob virtual ucraniano-russo de 2016, que abordou as questões de agressão sexual, incluindo abuso sexual na infância, assédio sexual e estupro.
Karlsson (2019)	Feminist Media Studie (Qualis CAPES - A2)	Suécia	Examina o trabalho feminista narrativo e discursivo da campanha #talkaboutit sueca de 2010, iniciada no Twitter, com foco em “áreas cinzentas” sexuais.
Williams (2017)	Social Science Journal (Qualis CAPES - A2)	Estados Unidos	Explora o discurso usado por mulheres de cor para resistir aos padrões normativos de beleza nas mídias sociais.

Interseção feminismos e mídias sociais enquanto estratégia propulsora de mobilização política: uma revisão sistemática

Paez e Moreira (2019)	Physis: Revista de Saúde Coletiva (Qualis CAPES - A2)	Estados Unidos	Discute a performance de sofrimento a partir das narrativas de mães de crianças com condições crônicas complexas de saúde veiculadas em uma revista eletrônica norte-americana, seguindo também a pista de alguns links que levam a blogs.
Menezes, Costa, Moura e Pedrosa (2015)	Revista Ártemis (Qualis CAPES - B2)	Brasil	Discute as relações de gênero no âmbito do hip hop em interface com a participação política de jovens mulheres e com os desdobramentos do feminismo para a agenda deste movimento social.
da Silva e Paiva (2017)	Política & Trabalho (Qualis CAPES – B1)	Austrália	Discute e compreende práticas de resistência engendradas por ativismos na Internet que destacam a difícil relação entre corpo feminino ideal e corpo real.
Nogueira (2018)	Scripta (Qualis CAPES - B2)	Brasil	Analisamos discursivamente as denúncias de violência de gênero divulgadas durante a campanha “Meu amigo secreto”.
Mitchell-Walthour (2018)	Interfaces Brasil/ Canadá (Qualis CAPES - B2)	Brasil	Examina como as mulheres afro-brasileiras youtubers empregam a estratégia de desafiar o racismo, o sexismo e o colorismo através de suas próprias articulações do feminismo negro-brasileiro.

Bloco 3. Mídias sociais, feminismos e cultura

Mehrabov (2016)	Social Science Journal (Qualis CAPES - A2)	Azerbaijão	Analisa como as mulheres do Azerbaijão participam de diferentes movimentos sociais e políticos online e offline, e se (e como) são impedidas pelo aumento do autoritarismo estatal no Azerbaijão.
Altoaimy (2018)	Social Science Journal (Qualis CAPES - A2)	Arábia Saudita	Explora como o Twitter foi usado no debate sobre o direito de dirigir das mulheres na Arábia Saudita. O objetivo principal desta investigação é explicar como os papéis de gênero e a relação entre os sexos são navegados nesses debates.
Warren (2018)	Geoforum (FI – 3.098)	Reino Unido	Destaca as experiências das mulheres muçulmanas que trabalham na mídia enquanto tentam criar novas identidades femininas muçulmanas e espaços de pertença e renegociar sua própria posição no processo.

Fonte: elaboração realizada com base nos artigos selecionados.

Por fim, foram elencados blocos de análise com base no material selecionado para facilitar a apresentação dos resultados e problematização, a partir da seguinte categorização: a) A relação entre os feminismos e as mídias sociais; b) Mídias sociais enquanto ferramenta de luta contra violências; e c) Mídias sociais, feminismos e cultura.

A relação entre os feminismos e as mídias sociais

Esse bloco abrange 9 (nove) artigos. No geral tratam de publicações que sinalizam a

organização dos coletivos feministas, apresentando as principais estratégias utilizadas para o alcance de suas pautas de luta nas redes sociais, assim como sinalizam a importância de que essas estratégias e mobilizações ultrapassem o campo do virtual. É importante mencionar que as mídias mais utilizadas pelo escopo de artigos nesta categoria foi o *Facebook*.

Mencionam-se as diversas pautas apresentadas nos artigos como: os estudos sobre o ciberfeminismo na França proposto por Jouët

Interseção feminismos e mídias sociais enquanto estratégia propulsora de mobilização política: uma revisão sistemática

(2018); as práticas de feministas nas redes sociais, seja on-line ou off-line, na Espanha, apresentadas por Sánchez-Duarte e Fernández-Romero (2017) e por Valcarcel, Fernández e Castro-Martinez (2019); a utilização de slogans e do próprio corpo como estratégias de mobilização política, apontados por Rogan e Budgeon (2018) e Silva (2016); as perspectivas críticas acerca da utilização das mídias sociais por feministas e coletivos, apontadas, por exemplo, pelos estudos de Coelho (2016) e Matos (2017). Outras temáticas levantadas nos artigos foram acerca dos discursos e contradiscursos postos no *Facebook* sobre datas importantes para o movimento feminista como o Dia Internacional da Mulher de 2018 e a 5ª Marcha das Vadias de São Paulo (Valente & Neris, 2019; Ribeiro & Silva, 2016).

Destaca-se, nesse sentido, como aponta Jouët (2018), que os coletivos feministas passaram a se organizar a partir das mídias sociais em três modalidades de luta: a) grupos que lutam por pautas identitárias, como a população LGBT; b) coletivos que lutam em prol de pautas mais gerais e emergentes, inclusive respondendo a demandas mais imediatas da luta feminista, como pela luta por melhores salários e pela liberdade em torno do vestir-se; e c) coletivos que lutam em prol de pautas específicas, contra anúncios de cunho sexistas e que sejam proibidos.

Outras formas de organizações específicas em rede destacam a organização dos grupos para os compartilhamentos de pautas, cita-se o compartilhamento de postagens que versaram sobre o Dia Internacional da Mulher, ocorrido em 2018, assim como as mesomobilizações que segundo Sánchez-Duarte e Fernández-Romero (2017) têm o intuito de divulgar chamadas para pautar ou concretizar ações dos coletivos feministas.

Valcarcel, Fernández e Castro-Martinez (2019) mencionam que há várias estratégias utilizadas para dar visibilidade às reivindicações dos coletivos feministas, uma delas é a utilização do corpo, especificamente a utilização estética-política dele, como o nu e o erotismo, que são vistos ainda como tabu pela sociedade contemporânea patriarcal. E endossam que, para esses coletivos concretizarem e operacionalizarem suas ações, a discussão acerca do alcance do feminismo nas redes sociais torna-se crucial. Deste

modo, discutem acerca do transnacionalismo dos feminismos, apontam para a importância de haver acesso de forma regional, nacional e internacional desses coletivos, de forma que o maior número de pessoas que utilizam as redes sociais possa saber o que está acontecendo em tempo real, possibilitando-as se posicionar em prol ou contra alguma causa.

Em resumo, nota-se que a utilização das redes sociais pelos coletivos feministas tornou-se crucial enquanto estratégia de organização e mobilização política.

Mídias sociais enquanto ferramenta de luta contra violências

Nesse bloco está presente o maior número de artigos, precisamente 13 (treze), com variadas temáticas, passando por debates das lutas feministas contra violências em suas mais diversas expressões e as estratégias traçadas para combatê-las, além de temas sobre assédio, violência sexual, discursos de ódio e ameaças ocorridas nas redes sociais, dentre outros.

As mídias sociais têm sido um campo de denúncias para os coletivos feministas e dentre as mídias sociais mais recorrentes utilizadas para esse fim encontra-se o *Instagram*. Nesta rede, as mulheres têm denunciado, por exemplo, as violências sofridas em sites de relacionamentos *online*, como é o caso da campanha Bye Felipe, na qual as mulheres capturam as imagens de assédio presentes nos sites e, em particular, da campanha e enviam para sua página do *Instagram* (Shaw, 2016). Ainda utilizam o *Twitter* e o *Tumblr* para narrarem suas experiências com os diversos tipos de violência sexual sofridas (Mendes, Keller e Ringrose, 2019). Outra rede social bastante utilizada por coletivos feministas é o *YouTube*. Mitchell-Walthour (2018) apontam que mulheres têm utilizado essa rede social para ampliarem e aprofundarem a discussão acerca do colorismo, racismo e sexismo e gordofobia.

Destaca-se que dentre as estratégias de utilização das mídias sociais utilizadas pelas mulheres para o combate à violência estão o *digilantismo*, prática de utilização das mídias sociais como ferramenta de denúncia a crimes cometidos contra mulheres (Jane, 2017), e a utilização midiática das histórias contadas por

Interseção feminismos e mídias sociais enquanto estratégia propulsora de mobilização política: uma revisão sistemática

mulheres nas redes sociais (Paez & Moreira, 2019). Nesta categoria, o *Instagram*, *Twitter*, *Tumblr*, *YouTube* foram as mídias mais utilizadas nas denúncias e combate à violência, tendo em vista que os coletivos feministas utilizam esse espaço para tecerem narrativas sobre os fatos e para operacionalizarem ações concretas nas próprias redes sociais ou com mobilizações presenciais.

Mídias sociais, feminismos e cultura

Esse bloco é composto por 3 (três) artigos de países bem distintos em termos econômicos, sociais, religiosos e políticos, a saber: Azerbaijão, Arábia Saudita e Canadá. De modo geral, as mídias sociais mais utilizadas pelos coletivos feministas nesses países são *Twitter* e *Facebook*. São plataformas utilizadas para a convocação de manifestações, denúncias e para a disseminação de informações de pautas diversas, que englobam, por exemplo, a reivindicação de direitos básicos naqueles países, além da desnaturalização quanto aos papéis hegemônicos impostos às mulheres.

No Azerbaijão, as lutas feministas são mais contidas devido ao caráter repressivo do país com as mulheres. Mas apesar do contexto adverso, as mulheres encontram estratégias de mobilização como a convocação para os *flashmobs*, que são manifestações nas ruas cujo intuito é dar visibilidade para suas lutas e mobilizar mais mulheres. Desse modo, as redes sociais têm sido cruciais para a convocação dessas mobilizações (Mehravov, 2016). Já na Arábia Saudita a principal pauta das mulheres mais imediata refere-se ao direito de conduzir veículos e para isso elas têm utilizado as mídias sociais, especificamente o *Twitter* para mobilizações virtuais em torno dessa pauta (Altoaimy, 2018). No Canadá, o Movimento “Idle No More”, liderado por mulheres, dos quais participam indígenas urbanizados ou não urbanizados, assim como a população não indígena, tem tido um papel crucial na defesa do meio ambiente, denunciando desmatamentos, assim como retrocessos nas leis de proteção ambiental, reivindicando os direitos dos povos indígenas e lutando pela proteção da água e da terra. Menciona-se que esse movimento tem utilizado as redes sociais como ferramenta não só de denúncia, mas de visibilização da cultura indígena e de luta por direitos.

Destaca-se que, apesar dos contextos repressivos, as resistências estão presentes por meio da estética de mulheres mulçumanas em relação aos estereótipos ocidentais. As mulheres mulçumanas passaram a utilizar o *YouTube* com a produção de vídeos para combater estereótipos que são vítimas e ampliar a discussão acerca de outras pautas como religião, contexto social e cultural nos quais vivem (Peterson, 2016). Também enfrentam desafios como a captura de suas lutas pelo capitalismo como a cooptação das mulheres islâmicas pelas forças do mercado ao investirem em padrões estéticos (Warren, 2018).

Discussão

Os resultados apresentados sinalizam para a contínua produção de conhecimento acerca do tema lutas feminista e mídias sociais, apontando para experiências distintas em vários países do globo. Os três blocos de resultados indicam discussões que se complementam, apontando para as formas de organização dos movimentos, principais pautas e especificidades das lutas feministas em diferentes países. A maioria dos artigos do bloco “*A relação entre os feminismos e as mídias sociais*” apresentou que as mídias sociais são um importante aliado da disseminação de informações, da organização de protestos, campanhas e discussões, porém, que esbarram em alguns desafios como: proliferação de discursos de ódio; monopolização dos coletivos devido à seleção de informações feitas nas redes; fragmentação; e o não encontro presencial desses coletivos. Segundo Valente e Neris (2019), é importante atentar-se também para o funcionamento das novas tecnologias, tendo em vista que as redes mapeiam informações dos usuários devido o acesso constante a determinados sites e conteúdos, e a partir disso, seleciona-os de acordo com a afinidade e perfil dos internautas, o que monopoliza e dificulta o alcance desses grupos a outros assuntos. Um desafio posto é a questão das violências que vêm sendo perpetradas pela internet, que acabam ficando impunes devido a falta de marco jurídico e a não organização de políticas públicas voltadas para a utilização das mídias sociais.

Com as discussões dos artigos no bloco “*Mídias sociais enquanto ferramenta de luta contra violências*” foi possível observar que houve um avanço nas discussões em torno das violências

Interseção feminismos e mídias sociais enquanto estratégia propulsora de mobilização política: uma revisão sistemática

contra as mulheres nas mídias sociais, porém, é preciso atenção para que não se restrinja a discussões e visibilidade apenas no âmbito das redes sociais. Mas que na verdade sejam deliberações no intuito de modificar as instâncias estruturais e institucionais que têm o dever de combater essas violências, sejam nos âmbitos jurídico, educacional e da saúde (Shaw, 2016). Em países como a Ucrânia e a Rússia as discussões em torno de ferramentas de combate à violência como o *digilantismo*, pouco estão postas, pois as mulheres ainda enfrentam muitas barreiras ao tentar expressar suas opiniões e ao lutar por direitos são silenciadas, restando as mídias sociais como forma de exporem as violências que sofrem. Mas não podemos esquecer que, em função das desigualdades de acesso à internet e a intersecção dos sistemas de opressão que pairam sob os corpos femininos em todo o mundo, também é desafiante no enfrentamento das violências que sofrem (Aripova & Johnson, 2018). Destaca-se também que há controvérsias em relação ao uso do *digilantismo*, pois uma de suas ações concretas é a exposição dos agressores nas redes sociais e o ato das mulheres os constrangerem, tentando dessa forma obter justiça (Jane, 2017).

Assim, é preciso estar atento para a não reprodução das violências, que tanto os feminismos buscam combater. Remontamos a hooks (2019b) para afirmar que é preciso lutar contra todas as formas de violência, sem exceções, compreendendo que a opressão sexista reverbera em todos. Lembremos que as violências contra as mulheres são inúmeras e que os discursos e práticas misóginas se atualizam. Porém, os movimentos feministas têm utilizado as mídias sociais como mais uma forma de combater essas violências, mesmo que ainda seja preciso avançar muito em discussões quanto a não reprodução dessas violências, assim como quanto ao alcance desses discursos e práticas na vida das pessoas e, sobretudo, na consideração de raça e classe em qualquer análise.

No último bloco, intitulado “*Mídias sociais, feminismos e cultura*”, tendo em vista o cenário das lutas feministas do Azerbaijão, mencionamos algumas contradições, pois apesar do país tentar colocar para o mundo uma imagem de que está preocupado e avançando quanto aos direitos das

mulheres, isso acaba não ocorrendo internamente. As mulheres exercem pouca participação nas instâncias políticas decisórias e o Estado as limita quanto à reivindicação de suas lutas (Mehrabov, 2016).

Além disso, encontramos realidades em que se luta para o acesso a direitos básicos. Dessa forma, é necessário considerar o contexto político do país, entendendo que os feminismos são múltiplos e que enquanto em alguns países já se avança em questões mais densas e complexas, já em outros, isso está se dando em torno do acesso a questões primárias (Altoaimy, 2018).

Destacamos ainda o caso do movimento feminista islâmico, em que há perspectivas distintas, pois algumas mulheres não acreditam na democratização completa e têm como parâmetro os ensinamentos religiosos, ou seja, os direitos vão até onde a religião permite (Altoaimy, 2018). Isso elucida que as reivindicações e ações do movimento feminista não se dão de forma paralela em todos os contextos, e que desse modo é preciso entender que as pautas do movimento não têm a mesma validade para todo e qualquer lugar, como se fossem universais, e que pensar sobre tais particularidades é considerar a diversidade de questões que perpassam os femininos contemporâneos.

Diante disso, é importante sinalizar que o desfazimento das estruturas de opressão é um processo longo, mas que se faz necessário o entendimento minucioso e crítico por parte dos coletivos contra quais estruturas estão querendo lutar e quais estratégias colocam em cena em seus campos de luta. Quanto a cooptação dos movimentos feministas pelo capitalismo, trazemos hooks (2019b) ao afirmar que as mulheres devem trabalhar e serem livres para utilizarem as ferramentas e estratégias para sua autossuficiência econômica. Porém, devem perceber o quanto são engendradas pelo capitalismo, inclusive de forma interseccional. Desse modo faz-se necessário aprofundar o debate em torno de quais feminismos estão sendo visibilizados, assim como considerar os vários atravessamentos postos aos coletivos feministas.

Conclusão

Interseção feminismos e mídias sociais enquanto estratégia propulsora de mobilização política: uma revisão sistemática

Como vimos não são poucos os estudos que tratam sobre o uso das mídias sociais enquanto ferramenta de mobilização política pelos movimentos feministas. Além dos aspectos já abordados acerca do tema no tocante o lugar das mídias e redes sociais, incluindo as plataformas digitais, como espaço estratégico de organização e mobilização política das lutas feministas na atualidade, evidencia-se, mesmo em meio aos desafios de acesso à *internet* por parte de certos coletivos feministas, a contínua articulação com diferentes contextos e a atuação na construção de alianças possíveis entre os diversos movimentos, tendo em vista que a luta feminista é ampla e para todos(as)(des). Ademais, para fortalecer tais leituras é importante o entendimento que o *online* não se desvincula da vida fora das redes sociais e que ações que ocorrem no universo da *internet* reverberam fora dela também, assim como o contrário. Portanto, é importante uma maior aproximação com tais formas de luta por parte dos

movimentos de resistência em geral, e em particular os movimentos feministas, até mesmo porque muitos coletivos são constantemente atacados nas redes.

Não podemos deixar de sinalizar algumas limitações do estudo, apesar de não prejudicar o andamento da pesquisa, é possível destacar a dificuldade no acesso a algumas produções, já que foram selecionados apenas as disponíveis de forma aberta. Destacamos ainda que não foi encontrado nenhum tipo de viés nessas produções, ao não ser o imperioso aspecto ético-político que é posicionar-se contra toda e qualquer forma de opressão e violência, especialmente às vivenciada por mulheres, o que também sinaliza a qualidade dos estudos. Por fim, compreender as formas de luta e resistência de determinados grupos minoritários diz de um compromisso ético e político da academia para também nos colocar como aliados de suas lutas.

Notas

¹ A autora utiliza-se de pseudônimo que é escrito de forma minúscula para que o enfoque dos leitores seja na sua produção e não na sua pessoa, assim, o presente texto utiliza a forma minúscula.

Referências bibliográficas

- Altoaimy, L. (2018). Driving Change on Twitter: A Corpus-Assisted Discourse Analysis of the Twitter Debates on the Saudi Ban on Women Driving. *Social Sciences*, 7(81).
- Alvarez, S. E. (2014). Para além da sociedade civil: reflexões sobre o campo feminista. *cadernos pagu*, (43), 13-56. doi: 10.1590/0104-8333201400430013
- Aripova, F. & Johnson, J. E. (2018). The ukrainian-russian virtual flashmob against sexual assault. *Journal of Social Policy Studies*, 16(3) 487-503.
- Castells, M. (2017). *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Chanter, T. (2011). *Gênero: conceitos-chave em filosofia*. Porto Alegre: Artmed.
- Coelho, M. P. (2016). Vozes que ecoam: Feminismo e mídias sociais. *Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 11(1), 214-224.
- Collins, P. H. (2019). *Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. Tradução Jamille Pinheiro Dias. 1ª edição. São Paulo: Boitempo Editorial.
- Davis, A. (2016). *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo Editorial.
- Dieminger, C. C. & Oliveira, R. S. (2015). Protagonismo ascendente: o ativismo online nas lutas feministas. *Derecho y Cambio Social*, 12(39), 1-18.

Interseção feminismos e mídias sociais enquanto estratégia propulsora de mobilização política: uma revisão sistemática

- Di Felice, M. (2020). O Net-ativismo e as dimensões ecológicas da ação nas redes digitais. *PAULUS: Revista De Comunicação Da FAPCOM*, 4(7) 18-37.
- Dutra, Z. A. P. (2018). A primavera das mulheres: ciberfeminismo e os movimentos feministas. *Revistas Feminismos*, 6(2) 19-31.
- Ferreira, C. B. de C. (2015). Feminismos web: linhas de ação e maneiras de atuação no debate feminista contemporâneo. *cadernos pagu*, 44, 199-228. doi: 10.1590/1809-4449201500440199
- hooks, b. (2019a). *Teoria feminista: Da margem ao centro* (1ª edição). São Paulo: Perspectiva.
- hooks, b. (2019b). *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- Jane, E. A. (2017). Feminist digilante responses to a slut-shaming on Facebook. *Social Media+ Society*, 3(2), 1-10. doi: 10.1177/2056305117705996
- Jouët, J. (2018). Digital feminism: Questioning the renewal of activism. *Journal of Research in Gender Studies*, 8(1), 133-157.
- Lemos, M. G. (2009). Ciberfeminismo: novos discursos do feminino em redes eletrônicas. (Dissertação de mestrado). Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, Brasil.
- Lorde, A. (2019). *Idade, raça, classe e gênero: mulheres redefinindo a diferença*. In Hollanda, H. B. Pensamento feminista: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo.
- Martinez, F. (2019). Feminismos em movimento no ciberespaço. *cadernos pagu*, (56), 1-34. doi: 10.1590/18094449201900560012
- Matos, C. (2017). New Brazilian feminisms and online networks: Cyberfeminism, protest and the female ‘Arab Spring’. *International Sociology*, 32(3), 417-434.
- Mehrabov, I. (2016). Azerbaijani Women, Online Mediatized Activism and Offline Mass Mobilization. *Social Sciences*, 5(4), 60.
- Mendes, K., Keller, J., & Ringrose, J. (2019). Digitized narratives of sexual violence: Making sexual violence felt and known through digital disclosures. *New Media & society*, 21(6), 1290-1310.
- Mitchell-Walthour, G. (2018). Afro-Brazilian women YouTubers’ Black Feminism in Digital Social Justice Activism. *Interfaces Brasil/Canadá*, 18(3), 105-125.
- Moher D. et al. (2015). Preferred reporting items for systematic review and meta-analysis protocols (PRISMA-P) 2015 statement. *Systematic Reviews*, 4(1), 1-9. doi: 10.1186/2046-4053-4-1
- Mousinho, F. C. (2017). Ciberfeminismo em 140 caracteres: O caso da #EuParo no Twitter (Dissertação de mestrado). Programa de Pós-Graduação do Instituto Universitário de Lisboa – ISCTE-IUL, Lisboa.
- Peterson, K. M. (2016). Beyond fashion tips and hijab tutorials: The aesthetic style of Islamic lifestyle videos. *Film Criticism*, 40(2).
- Reverter-Bañón, S. (2013). Ciberfeminismo: do virtual ao político. *Revista Teknokultura*, 10(2), 451-461.
- Ribeiro, J. C. & Silva, F. G. (2016). Uso do Facebook como meio alternativo de comunicação pela “Marcha das Vadias Sampa”. *Chasqui: Revista Latinoamericana de Comunicación*, 131, 401-417.
- Rogan, F. & Budgeon, S. (2018). The personal is political: assessing feminist fundamentals in the digital age. *Social Sciences*, 7(8), 132.
- Sánchez-Duarte, J. & Fernández-Romero, D. (2017). Subactivismo feminista y repertorios de acción colectiva digitales: prácticas ciberfeministas en Twitter. *El profesional de la información (EPI)*, 26(5), 894-902.
- Shaw, F. (2016). “Bitch I said hi”: The Bye Felipe campaign and discursive activism in mobile dating apps. *Social Media+ Society*, 2(4), 1-10. doi: 10.1177/2056305116672889
- Silva, T. T. (2016). A biopolítica do corpo feminino em estratégias contemporâneas de ativismo digital. *Revista Estudos Feministas*, 24(3), 739-759.
- Valcarcel, A. S., Fernández, E. G. & Castro-Martinez, A. (2019). Acción colectiva ciberactivista de “Las periodistas paramos” para la huelga feminista del 8M en España. *Comunicación y Sociedad*, 16, 1-24.
- Valente, M. & Neris, N. (2019). Elas vão feminizar a internet? O papel e o impacto do ativismo online para os feminismos no Brasil. *SUR - Revista Internacional de Direitos Humanos*, 27.

Interseção feminismos e mídias sociais enquanto estratégia propulsora de mobilização política: uma revisão sistemática

- Vincente, L. M. D. (2016). Histórias insurgentes: feministas vadias e tecnologias digitais. *Esferas*, 2(7) 163-171.
- Toret, J. (2013). Tecropolítica: la potencia de las multitudes conectadas. El sistema-red15M y el nuevo paradigma de la política distribuida. Recuperado de: [https://tecnopolitica.net/sites/default/files/1878-5799-3-PB%20\(2\).pdf](https://tecnopolitica.net/sites/default/files/1878-5799-3-PB%20(2).pdf)
- Warren, S. (2018). Placing faith in creative labour: Muslim women and digital media work in Britain. *Geoforum*, 97, 1-9.

Fecha Recepción: 05-12-2019

Fecha Aceptación: 28-05-2021